

UMA COOPERATIVA DE HIATOS? POESIA E ORGANIZAÇÃO EM UMA CIDADE-MERCADORIA (RIO DE JANEIRO, 2013–2023)¹

[A COOPERATIVE MADE OF HIATUSES? POETRY AND ORGANIZATION IN A COMMODIFIED CITY
(RIO DE JANEIRO, 2013–2023)]

VINÍCIUS XIMENESⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-7584-3681>

Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá – Maricá, RJ, Brasil

Resumo: No período que corre a partir do anúncio do Rio de Janeiro como cidade-sede das Olimpíadas, final de 2009, um território urbano foi convertido em laboratório de uma série de reconfigurações nas dinâmicas de extração e nos modos de acumulação do capital: a expansão da fronteira imobiliária, os conflitos territoriais, o aumento do custo de vida, o investimento nas retóricas especulativas de revitalização e pacificação. A primeira metade da década de 2010, marcada por um discurso oficial de euforia com megaeventos e por uma paisagem de megaobras, coincidiu também com as manifestações de 2013, ligadas ao direito à cidade e à mobilidade. Nos anos seguintes, a derrocada da narrativa do legado Olímpico foi acompanhada pelo sucateamento dos aparelhos públicos e pela falência declarada do estado do Rio de Janeiro. As notas aqui apresentadas tentam pensar esse diagrama em interseção com a proposta do dossiê de pensar a produção cooperativa de poesia, percorrendo alguns poemas da década, considerando suas geografias, seus modos de enunciação e suas relações materiais de produção, em meio ao surgimento de coletivos editoriais e indícios de encontros em busca de uma outra organização da vida em comum, em oposição às diretrizes do urbanismo e à precarização das condições de vida.

Palavras-chave: poesia contemporânea brasileira; sociologia da literatura; organização; direito à cidade

Abstract: The first half of the last decade, marked by an official discourse of euphoria with mega-events and a landscape marked by huge infrastructural works, also coincided with the 2013 street demonstrations, attached to “the right to the city” and mobility prices. In the following years, the falling of the Olympic ‘legacy’ narrative was accompanied by the scrapping of public appliances and the declared bankruptcy of Rio de Janeiro State itself. The notes presented here try to think about this diagram of forces by going through some poems of the decade, considering their geographies, their modes of enunciation and their material relations of production, taken here as indexes of encounters in search of another organization of life in common, opposed to urban guidelines and the precariousness of living conditions.

Keywords: contemporary poetry in Brazil; sociology of literature; organization; right to city

¹ O artigo retoma, com algumas alterações, uma seção de tese de Doutorado defendida em 2023.

I. “canteiros olímpicos”

Seria importante que a historiografia guardasse algo do entusiasmo que acompanhava a novidade: ânimos eufóricos, o otimismo da imaginação pública, a instrumentalização retórica do desenvolvimento como via para a tão desejada ruptura com o ciclo de dependência econômica, a potência prometida de uma nação com rumos soberanos, os empregos gerados na construção civil e no arranjo das megaobras (quem pode ser *contra* a geração de empregos?), a experiência da cidade como um grande canteiro de obras. O ano de 2009 foi o do anúncio da vitória do Rio de Janeiro como cidade-sede das Olimpíadas de 2016. Os afetos alegres são importantes. Não vamos entrar aqui, é bom dizer logo de partida, na denúncia de nenhum tipo de alienação popular. O que interessa é a percepção de uma certa lógica que atravessa as subjetividades, as nossas, inclusive.

Quando feito o anúncio, o Rio era a ponta de lança de uma governamentalidade nacional. Não começava ali. Desde bem antes, o que se trabalhava politicamente era a imagem da cidade, vitrine para atrair investimentos. E em toda sua admirável dignidade mantida diante da persecutória Operação Lava Jato — que, nunca é demais destacar, foi uma operação plena de ilegalidades, que nos legou um governo terrível, interessado em qualquer coisa que não a redução de desigualdades —, o divulgado depoimento do então ex-presidente Lula à Polícia Federal em 2016 não escondia isso; em discurso de estadista, enfatizava a importância de um “portfólio” para “vender ao mundo”. A governamentalidade, mesmo nesse caso *sub judice*, funciona sem segredos².

Nos arquivos de estudos desenvolvidos no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, podemos encontrar uma pequena genealogia da cidade-mercadoria: ainda no início da década de 1990, o Plano Diretor aprovado pela prefeitura viabilizava já tal tipo de gestão urbana em que a cidade é uma entre muitas outras, disputando protagonismo no mercado das cidades. Também datam do período suas primeiras candidaturas a sediar megaeventos esportivos —

² O depoimento pode ser lido em <https://pt.org.br/confira-a-integra-do-depoimento-de-lula-a-policia-federal/>. Acesso em: 12 ago. 2024.

ocasiões especiais para atrair os investimentos —, enviadas aos comitês especiais de avaliação. Para Carlos Vainer (2011), pesquisador do IPPUR, o que se abre, desde então, é uma “democracia direta do Capital”. Rumor de insônia, sonhos interrompidos ou perturbados pela desigualdade a céu aberto: enquanto uma população dorme, muitas outras pessoas trabalham na reconfiguração da paisagem, entre remoções e supostas revitalizações. A cidade, diz Vainer, e não só ele, vai se tornando um laboratório biopolítico com sofisticados painéis de monitoramento, e qualquer circulação que diminua o valor agregado de sua imagem de consenso pode vir a ser considerada indesejada. Quem souber se perceber como parte dessa grande corporação coletiva contribuirá para o sucesso da gestão. Afinal, se as campanhas vitoriosas nas eleições foram financiadas por cartéis de empresas de ônibus, a passagem *não poderá não aumentar*. É importante aceitar. A pacificação fará bem a todos. Qualquer manifestação contrária prejudicará a cidade e os empregos. Eram esses alguns dos discursos.

Imaginando-nos diante dessa conjuntura, a dificuldade inicial é pensar um uso da linguagem que seja capaz de, simultaneamente, expor as tensões da experiência (o custo crescente da mobilidade, a reversão das expectativas de ampliação democrática, as mutações estruturais dos regimes de acumulação capitalista) e contribuir para desativar a discursividade oficial, em um cenário feito de perspectivas dificilmente conciliáveis. Como pensar essa articulação agonística sob o peso da conjuntura? Se o significado das manifestações de junho de 2013 permanece em disputa, a centralidade do direito à cidade e do movimento pelo Passe Livre como seu sentido primeiro não será apagada facilmente: há muitos arquivos. E os poemas seguem — anos depois — constituindo seu ponto de vista neles, com eles.

Um dos caminhos que a poesia publicada ao longo da última década nos perímetros e arredores do território do Rio de Janeiro nos propôs, em sua montagem espaçotemporal, começou situando o presente em medidas de longa duração.

Na ressaca de 2013, Marcelo Reis de Mello encenou em poema um “BRASIL, II”, que primeiro pôde ser lido sem título em uma rede social e depois foi publicado como “Bottom de poeta”, em maio de 2017, no quarto número da *Agulha*, Calendário de Cultura. Mais recentemente, com o título nacionalizado, saiu no livro *José mergulha para sempre na piscina azul*, em junho de 2020, pelas edições Garupa:

houve dias, há dias em que a covardia é a única
nudez possível. Há dias como hoje
em que a pátria, embora continue sendo o último refúgio
dos canalhas, é sobretudo
um destino (eu ia dizer feudal) da nossa tristeza.

sim, talvez uma estranha insônia nasça
desse instante em que, mais do que pernilongos
descobre-se parasitas reais
procurando sangue pela casa.

mas há dias em que a covardia é o café do poeta.
e há dias em que a poesia é o café do covarde.

e de novo, assim que o Rio e seus mendigos
tanto quanto os veranistas de Miami
acordarem ao som das panelas –
agora um tanto mais metálicas que este pequeno sol
de subúrbio – veremos do que são feitas
as palavras, de que carne nasce
o estranho fanal que move a fome.

talvez não sobre outro som além dos caminhos
nos canteiros olímpicos lembrando quão próximos
e quão far away estamos from Greece.

talvez não sobre outro som senão
(como na câmara anecoica de John Cage)
o deplorável coração do mundo.

e quando digo Grécia e digo mundo
espero não soar tão épico que não se possa
figurar a espécie de mediocridade
que elegi para não cair em desconforto.

no fim talvez queira não encontrar
um começo possível para este dia, nem torço
para que depressa se precipite noutra era geológica
ainda mais estúpida, ou menos, apenas
espero conseguir frequentar os mesmos mercados
que o resto da gente
sem olhar pro chão nem pro céu, procurando
entender o ponto médio
em que o macaco ciosamente descobriu
(não o fogo) a aspirina®

Segundo em uma série de III, “BRASIL, II” nos faz pensar na longevidade das práticas. No vasto cenário de discursividades que o poema atravessa, da antropogênese ao Antropoceno, de uma genealogia da impotência à patente do medicamento paliativo, das origens de uma civilização ao seu colapso, da combustão à extinção, o que primeiro me interessa destacar aqui é uma longa duração, o modo como o poema nos transporta

para um cenário fundacional que acreditamos herdar — para então destacar o que nele havia já de destruição. Sua analogia (disjuntiva) entre uma Grécia berço das competições desportivas, olímpicas, e uma Grécia berço do que nos habituamos a entender como *polis* e poesia, como política e democracia direta — ou, em outros termos, sua tensionada referência a uma Grécia-epítome da capacidade de organização, construção e institucionalização —, dá lugar à materialidade de miseráveis e improváveis palavras que tentam ser ditas contra o ininterrupto som “dos caminhões/nos canteiros olímpicos” de um Rio arruinado, desencantado e iluminado por um “pequeno sol/de subúrbio”.

O que mobiliza e ambienta dores de cabeça, palavras e poemas são esses automóveis de obras, o único som que ressoa e sobra. Pedras sonhando com britadeiras. Trilha sonora da produção de um espaço de exceção.

Talvez uma conversa interessante, de um ponto de vista interessado em articular geografias, topologias e redes, possa ser feita entre o poema de Marcelo Reis de Mello e a “carta para alguém depois dos protestos”, de Tatiana Pequeno, publicada em seu *Onde estão as bombas*, livro de 2019, editado pela Macondo:

é quente a noite no rio e a praça xv
arde sulfurada pelo estranho torpor
dos normais depois das cavalarias
de choque e da pimenta azeda que
trouxeram nos barcos dos pinheiros
sal vinagre especiarias azeviche
agora ferve a noite no rio e o centro
está vazio como se os habitantes
todos tivessem sido demitidos e uma
horda de restos denunciasse o adeus
de alguém mergulhando suicidado na
imensidão apodrecida da baía
é densa a noite no rio e os bairros
dos subúrbios dormem como aves
amortecidas não mais migrantes
não há pequenina luz nenhuma a
penas um homem em farrapos
que diz ter uma palavra importante
a ser compartilhada embora
ninguém aqui possa ouvi-lo
(Pequeno, 2019, p. 42)

O Centro, depois de ver seus habitantes demitidos pelas tropas de choque, está vazio; no centro do poema há restos, um informe humano, maltratado. Também aqui temos uma experiência ruidosa da cidade normalizada, uma dificuldade de escuta e de

partilha, um registro dos limites semânticos. E ao longo dos poemas desse livro, vemos uma topografia que atravessa diversos bairros: Olaria, Bonsucesso, Cachambi, Ramos, Cordovil, Penha, Vila Isabel. Alberto Pucheu nos oferece, no posfácio, uma reflexão sobre a importância desse “movimento dos subúrbios”, mais habituados à “gratuidade dos extermínios”:

Fazer o subúrbio se movimentar na poesia, fazê-lo — mais do que cantar — ranger ritmicamente na poesia, fazer a(s) história(s) do subúrbio na poesia é levá-la aonde, em nossa tradição, ela raras vezes esteve, trazendo para a poesia um ritmo de questões pessoais, históricas e sociais indiscernibilizadas que, em anos e décadas anteriores, não tinham acesso à visibilidade e determinações poéticas nem políticas.

Essa música, esse movimento e essa história provêm da Zona Norte. A presença da morte nos bairros suburbanos e periféricos [é] uma constante nos três livros [de Tatiana Pequeno], a ponto de, neste, em um dos poemas, haver um deslize mínimo de uma letra, uma alteração de uma letra que ganha um puxadinho gráfico, um ínfimo deslocamento de um grafema, a desvia, sem sair do lugar, a zona norte para a “zona morte” ainda cortada pelo suspense do *enjambement* — “zona/morta” —, superpondo-as ao nos dar a real da periferia e das comunidades de nossa cidade (Pucheu, 2019, p. 97).

No modo de ler proposto por Pucheu, a quebra de verso é vinculada à experiência do choque, de grande importância para as teorias da poesia moderna ligadas às condições de percepção imersas na multidão das metrópoles, de Charles Baudelaire em diante. Algumas questões que se abrem em sua leitura — a possibilidade de emergência de discursos periféricos invisibilizados em décadas anteriores, a segregação geográfica persistente, o planejamento urbano excludente e também uma espécie de retorno do *topos* da cidade partida, tão importante no imaginário carioca³ da década de 1990 — parecem apontar para uma equivalência *literal* entre transporte e metáfora, que logo se apresenta como relação entre impedimento da mobilidade e suspeita da metáfora: o que está em cena nos poemas é também o direito à cidade, o preço da passagem, a possibilidade de cidadania.

Mas se o Rio de Janeiro é o eixo de nossas leituras e aproximações, não deixamos de notar que o largo arco civilizacional que vai da Grécia ao Antropoceno, encontrado em “BRASIL, II”, de Reis de Mello, também aparece em um poema de *Onde estão as bombas* feito de variações sobre a história econômica da poesia, que, depois de algumas desventuras, passando pelo endividamento, teria migrado

³ *Cidade partida* é o título de um livro de Zuenir Ventura, publicado em 1994.

(...) daquela região grave
e grega onde hoje se deve os fundos da
terra e troca a guarda bem ao nosso lado
entre apertos de mão, palavras sobre a crise
(acenos, claro, porque implicar-se é um
gesto permitido pelas normas de saúde)
e ensaios e mais ensaios que jogo ao mar
quando encaro os terminais próximos
do trabalho que não é de libra e recordo
que este é, afinal, o novo antropoceno e
boa será mesmo a poesia que apenas
indique nos versos mais rupestres os
caminhos que tenham levado a sabedoria
lírica os rios as violetas e os humanos
mais sensíveis à sua completa extinção (Pequeno, 2019, p. 14–15).

Em um cotidiano que luta para não ser descartável, o desafio investigativo — afinal, pegamos o livro instigados a descobrir *Onde estão as bombas* — nos propõe perceber novas armadilhas, de onde se extrai o valor. Pequeno nos direciona o olhar, também, para as adjacências da cidade litorânea. As britadeiras das megaobras que revolvem um solo de inúmeras camadas históricas da zona portuária por onde chegaram navios coloniais têm, no horizonte, a companhia de uma nova modalidade de extrativismo emergente, o fraturamento hidráulico, com a perfuração dos recém-descobertos (e logo leiloados) poços de petróleo: os “campos de libra”, que dão título a outro poema do livro, o segundo, e que parecem se infiltrar indiretamente também neste último, quando a poeta diz “encaro os terminais próximos/do trabalho que não é de libra”, dando efeito de um contraste entre o valor do próprio trabalho e o desse outro signo da medida do valor. Orbitando o Rio de Janeiro, a dinâmica da economia contemporânea passa pelo valor especulativo de suas fronteiras marítimas — ali onde está, tendencialmente e retrospectivamente, do futuro e do passado (a revisitar), “o que vale”:

campos de libra (ainda em 2014)

o rumo da ponte é niterói
mas o que vale, aos pedaços,
ficou mesmo na baía, antes
dos pedágios, na estrada
entre as bagagens caídas
da viagem de volta para
os falsos & faustos mares
ao redor dos campos de libra
(Pequeno, 2019, p. 10)

Com os olhos na expansão do extrativismo contemporâneo, deixando para trás a cidade do Rio de Janeiro, a travessia da ponte “rio-niterói” — que inclui o pagamento de pedágios — transmuta-se em travessia do Atlântico, onde há um passado feito “em pedaços”: talvez explodido. A dicção lusitana, mas desconfiada, dos “faustos mares”, *topoi* da poesia portuguesa, indica que a travessia aqui é vista desde outro ponto de vista, como travessia do Kalunga, nome do oceano em línguas bantu, que aparecia já numa das epígrafes do livro, uma canção de Roberto Mendes e Capinam entoada por Virgínia Rodrigues: “Dor é o lugar mais fundo/É o umbigo do mundo/É o fundo do mar (...)/Que noite mais funda, Kalunga!” (Pequeno, 2019, p. 7). O movimento de retorno cronológico anunciado no poema dos “campos de libra”, portanto, é desdobrado em outros: evocando um “tempo anterior ao trauma”, um deles, sugestivamente intitulado “a queda do céu”, começa dizendo: “imaginemos esta baía antes que a colônia/aqui tivesse chegado e a água fosse vasta/bem antes da sua escassez e finura [...]”, e cria um cenário com as populações indígenas que viviam nos arredores da baía para dar conta da degradação da água em lixo. A já citada “carta para alguém depois dos protestos”, por sua vez, remetia os materiais encontrados no Centro sitiado (entre bombas) — o gás de pimenta usado na repressão e o vinagre inalado para minimizar a ardência da pimenta — ao velho comércio oceânico de especiarias (“pimenta azeda que/trouxeram nos barcos dos pinheiros/sal vinagre especiarias azeviche”): a geopolítica da colonização.

A noite funda de “depois dos protestos”, em que se via “alguém mergulhando suicidado na/imensidão apodrecida da baía”, se prolonga aqui em outra densidade histórica e cosmológica, em que seguimos próximos e “far away” dos canteiros olímpicos gregos.

II. Reproduzir a insônia, organizar o antagonismo: nos canteiros da Universidade

Nos arredores de 2013, as denúncias da repressão às manifestações produziram documentos de contrainformação e contranarrativa, colocando em evidência a importância das chamadas “mídias livres”. O aprendizado coletivo da reprodutibilidade digital e de uma “ontologia da base de dados” (Link, 2015) — composta por alguns poucos e precisos comandos: abrir, copiar, colar, editar, adicionar, pesquisar, deletar, compartilhar — foi uma das urgências que se impuseram às pessoas interessadas em

cuidar da continuidade nas ruas, junto à divisão de tarefas, à distribuição de funções práticas, à difusão do material registrado. Uma cena como essa, vale recordar, compõe o *Livro das postagens*, de Carlito Azevedo (2016), em uma figuração da relação entre poesia e mídias digitais.

Organizar o antagonismo, talvez tenhamos aprendido, supõe organizar a informação. Nesse sentido, seria importante levarmos em consideração que, nos regimes de acumulação do capitalismo contemporâneo, o modo de produção é também um modo de extração intensiva de valor que incide sobre a comunicação, ou, em outros termos, sobre a *montagem coletiva da subjetividade*, pois os dispositivos de dados e *data mining* capturam, codificam e rentabilizam um conhecimento que se produz cooperativamente nas plataformas organizadas em rede.

Se concordarmos com essa premissa, um *Livro das postagens* traria, em sua própria diretriz conceitual e em seu próprio modo de ler a circulação dos discursos, como propôs Diana Klinger (2018), a sugestão de uma espécie de pausa reflexiva no fluxo de acumulação desses documentos e em sua perturbação, deslocando a ênfase para a materialidade do suporte, para a maleabilidade da matéria. Não tanto para as implicações dos procedimentos tipográficos de digitação, mas para os modos de usar a comunicação em rede, que configuram *alguma* imaginação pública⁴. O gesto implicado no título do livro de Carlito Azevedo incide, portanto, na atualização de um debate aberto por Walter Benjamin sobre vanguardas e reprodutibilidade técnica, debate que, nas primeiras décadas do século XX, veio sendo recolocado em diferentes perspectivas por Marjorie Perloff, Serge Margel ou Daniel Link: como pensar o poema na era de sua reprodutibilidade digital?

Poderíamos especular, com Margel (2017), que o livro de Azevedo tenta atualizar essa reflexão conciliando uma meditação sobre seu dispositivo técnico. Mas, diferentemente do caso de Benjamin, nessa atualização não há — nos arredores da teoria — uma retração anestésica da população, característica de uma sensação de esgotamento, de uma resistência à multidão e a seu excesso de estímulos, que acarretaria uma progressiva dificuldade de imaginação e de fazer sínteses sobre a complexidade espaçotemporal da realidade (Margel, 2017). Já não é exatamente isso o que se coloca

⁴ Uso o termo aqui no sentido de Josefina Ludmer, mas pensando também em seus desdobramentos no *Indicionário do contemporâneo* (2018), livro-coletivo de verbetes teóricos escrito sob influxo das manifestações de 2013 — e que, aliás, começa com um verbete sobre Arquivo.

como obstáculo a se enfrentar por vias éticas, mas é antes uma intervenção dura e direta, mecânica, das autoridades, no encontro dos corpos dissidentes na rua. Uma intervenção que solicita a organização do pessimismo como reorganização da informação.

Quando evoquei nas notas iniciais a importância do consenso como motor reprodutivo da cidade-mercadoria e da rentabilidade de sua imagem, era também nisso que pensava: o que as experiências de auto-organização da primeira metade da década passada (2011–2015) parecem ter evidenciado é que, diante da ascensão de uma “democracia direta do Capital”, qualquer tentativa de instituir um comum, reapropriando coletivamente um espaço público e dando-lhe um uso autodeterminado, corre o risco de ser vista como dissidência e ameaça para o plano diretor da cidade-mercadoria. Na construção de um arquivo — esse que os poemas aqui trazidos vão nos deixando ver —, joga-se também a possibilidade de pensar alguma forma de enfrentamento desse mesmo presente.

*

A depender do ponto de vista, os megaeventos terminam muito bem-sucedidos. Nos trilhos desviados em 2013, o discurso do *legado* desaba como um castelo de cartas, apenas em defasagem: diversos ex-governadores do estado do Rio de Janeiro vão em cárcere, o estado declara falência, os índices de desemprego aumentam, o sucateamento dos aparelhos públicos se explicita, e a organização da resistência se desloca para espaços como a Universidade Estadual do Rio de Janeiro. É interessante saber que o campus-Maracanã da UERJ foi erguido sobre os escombros de uma favela, estando implicado, portanto, em uma memória das remoções urbanas e do processo de expansão da fronteira imobiliária na cidade. E vale notar, ainda, que, mesmo sem trazer esses dados, outro poema que acompanha o desenrolar daquela conjuntura, o *parque das ruínas* de Marília Garcia (2018), nos leva também a eles. O poema que abre o livro homônimo narra — em perspectiva, entre imagens de ruínas, e com seu característico uso do procedimento de espaçamento tipográfico — alguns pensamentos do dia em que recebeu um convite para falar na UERJ, situando-o em um cenário de falência e desmonte:

naquela época julho de 2016
a UERJ estava no meio da maior crise de sua história
sem repasses do governo não tinha como funcionar
e momentaneamente a universidade estava
com as atividades suspensas

já passaram 26 meses daquele dia
e não só a universidade continua em crise
como o rio de janeiro anda mergulhado em ruína
(Garcia, 2018, p. 16–17)

O *parque das ruínas* é, entre os livros de Garcia, o que mais nos possibilita pensamentos sobre a história do Rio de Janeiro⁵, mas vale arriscar aqui um deslocamento para seu *um teste de resistores*, de 2014, em que o poema já é pensado como espaço de fazer perguntas. A pergunta-guia daquele livro (“a poesia é uma forma de resistência?”) é atribuída por Garcia a Célia Pedrosa, professora da Universidade Federal Fluminense; O livro se desenrola, então, ao redor de uma mutação do poema em teoria, ou do poema em ensaio (Di Chiara, 2024), à procura de respostas para questões — incluindo a desconfiança acerca da *resistência* da poesia. E se podemos aproximar essa perspectiva às de teóricos como Jean-Luc Nancy ou Marcos Siscar, aqui me interessa antes sublinhar, nessa *marcação institucional* da pergunta-guia do poema, um ponto propriamente infraestrutural (ou intraestrutural) que *um teste de resistores* apresenta quase em traços etnográficos, e que parece importante para visibilizar certas condições de possibilidade disso que estamos tentando pensar como um arquivo do presente, ou do passado bem recente: no percurso que vai de *um teste de resistores* a *parque das ruínas*, Garcia constrói uma cena de escrita e de leituras *vinculada à universidade*, o que faz com que essa — a universidade pública brasileira deste preciso período histórico, segunda e terceira décadas do século XXI, em expansão e em transformação de seus perfis discente e docente — talvez possa ser pensada enquanto espaço de *mobilidade teórica* e de *organização do comum*.

A hipótese certamente mereceria um tratamento mais cuidadoso e matizado, que não teremos como percorrer aqui; mas trabalhemos com ela, como possibilidade a investigar.

Do ponto de vista da produção de um conhecimento do presente, as inscrições territoriais da cidade (as *ruínas*), vistas a partir da poesia de Marília Garcia, sugerem ao menos duas dimensões: a primeira passa por visibilizar o próprio inacabamento, o abandono do desejo de uma obra, visibilizando uma busca “arqueológica” em um canteiro

⁵ Ver Klinger; Ximenes, 2022.

abandonado. Expor os materiais⁶. E os materiais abandonados são, entre outros, os slogans de um tempo em que a construção do discurso oficial, o das diretrizes desenvolvimentistas e progressistas da governamentalidade, eram de grandiosidade e de protagonismo nacional na geopolítica internacional. Eram esses, como sugerido, os preâmbulos de um discurso que foi mobilizado para invisibilizar alternativas e silenciar críticas, não apenas de jovens idealistas, mas dos Comitês Populares da Copa e das Olimpíadas, acompanhados por diversos núcleos universitários e ativismos jurídicos. Seu canteiro de obras, então, é também, concretamente, o de uma cidade ocupada pelas empreiteiras que viabilizam um uso da cidade integralmente submetido (inclusive juridicamente) às leis de acumulação do Capital desportivo transnacional (da FIFA, do COI)⁷.

A segunda dimensão, por sua vez, leva a pensar se os vínculos entre um modo de entender os poemas como lugares de encenação da crise (como propõe Siscar) e a universidade enquanto espaço de elaboração crítica sobre o impasse urbano⁸ poderiam ser tratados, em conjunto, como pontos de articulação de um discurso *compartilhado*.

Podemos testar esta hipótese: talvez, em certos estratos do atual modo de produção discursiva, tanto as práticas discursivas universitárias quanto as dos poemas sejam modulações de uma enunciação coletiva, com diferentes incidências, mas em intercâmbio. Falamos, nesse caso, dos estratos que participam, mesmo que involuntariamente, da circulação de certas perspectivas sobre o presente, fortalecendo dinâmicas digitais de subjetivação que mobilizam cooperativa ou disjuntivamente os afetos linguísticos e comunicativos. E não quero, com isso, invisibilizar as devidas desproporções de estabilidade e de renda, nem as inúmeras assimetrias de capital cultural

⁶ Luciana di Leone apresentou uma leitura nesses termos durante sua participação como convidada no curso *Lugar de fala, perspectiva, perspectivismo*, de Diana Klinger, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFF, em 3 de junho de 2020.

⁷ Podemos certamente considerar com cuidado um argumento segundo o qual, no âmbito de um governo do Partido dos Trabalhadores, tal submissão seria *tática*, tendo em vista um árduo projeto de ruptura com o velho ciclo de dependência na economia política global, o que solicitaria a consolidação (inclusive *imagética*) da soberania nacional, movimentando a economia interna, gerando empregos de carteira assinada (mesmo que temporários) e deixando, quiçá, um legado de cidadania. Mas, assim como contra-argumentaram desde a primeira hora os estudos comparativos de outras “cidades-sede” de eventos de tal porte, apontando para as dinâmicas imobiliárias e para o extrativismo especulativo, talvez possamos concluir hoje, em perspectiva, que a prática de governo em torno desses eventos não viabiliza mesmo nenhum agenciamento alternativo de economia política.

⁸ Faço alusão, aqui, ao título de um livro de referência de Ermínia Maricato, *O impasse da política urbana no Brasil*. Maricato, ao lado de Carlos Vainer e Raquel Rolnik, foi nome ativo na discussão sobre direito à cidade que emergiu nesse período, participando de importantes livros de intervenção (2013, 2014).

e social que permitem alguma mobilidade nesses espaços; mas penso que seria interessante considerarmos a hipótese de que ambas as práticas, imersas na configuração neoextrativista do capitalismo contemporâneo e da crescente precarização da pesquisa universitária, tendencialmente se encontram como parte de um corpo que é explorado durante sua cooperação material e imaterial.

Tal hipótese, em si, foi posta por João Camillo Penna, professor na UFRJ, pensando a poesia à luz dessa emergente composição técnica do Capital (que aproxima capitalismo industrial e capitalismo cognitivo, em uma “produção imaterial do comum”) e ressaltando alguns aspectos infraestruturais que nos ajudam a defini-la:

Os poetas contemporâneos escrevem, e fazem circular seus poemas, em rede, em blogs de circulação restrita ou ampla. Produzem seus textos frequentemente a partir de uma zona de precariedade de trabalho material, em empregos ou subempregos que lhes permitem sobreviver. Estão frequentemente vinculados a redes de produção coletiva, editoras menores, ou centros de pesquisa. Os textos são disponibilizados on-line em parte ou em sua totalidade em um enfrentamento resoluto com as leis de propriedade intelectual e de copyright (Camillo Penna, 2015, p. 34–35).

O arquivo da precariedade relacionada à poesia poderia ser facilmente ampliado cronologicamente, oxigenando releituras de décadas passadas: se nos anos 1970 o poeta mais conhecido da chamada geração marginal, Chacal, escrevia já sobre o *Preço da passagem*, Mario Cámara, em texto publicado na revista *Inimigo Rumor*, em 2004, nos instigava a pensar como aquele ensaio de economia informal da poesia mimeografada, em seu modo de circulação, inspirou a experiência das editoras cartoneras em uma outra cidade convulsionada, a Buenos Aires pós-crise de 2001⁹, que buscava articular alguma garantia de renda para catadores urbanos às voltas com o desemprego estrutural, ao mesmo tempo em que ampliava a circulação independente de poesia, permitindo a reprodução de um mercado minimamente ativo — um desejo de entrelaçar poesia, organização e proteção social.

E é curioso notar, ainda, que, mesmo sem haver aí uma agenda compartilhada de pesquisa, um outro professor da UFRJ, Eduardo Coelho, interessado na proliferação de

⁹ Cecilia Palmeiro (2010) destaca tal inspiração para o coletivo Belleza y Felicidad: “Concebida según el modelo de la poesía marginal que rescataba a su vez la literatura de cordel del nordeste brasileño, su propuesta implica una serie de postulados vanguardistas inéditos en la Argentina: que la literatura debe dejar de ser un objeto de lujo y puede ser algo barato, que el modo de producción es inseparable del texto (por lo que tanto la noción de texto como la de obra deben ser revisados a la luz del concepto de 'vida literaria' y de red), y que la literatura además de ser escritura propone modos de socialización diferenciales y es capaz de ensayar no sólo insurgencias corporales personales sino modos alternativos de comunidad”.

coletivos no Rio de Janeiro pós 2013 e atento à relação entre precariedade, endividamento, sobrevivência e subjetividade na poesia contemporânea, tenha proposto um curso sugerindo como parâmetro comparativo a experiência portenha¹⁰.

Assim, se a poesia de Garcia nos instiga a pesar na balança a mobilidade teórica promovida nas universidades, podemos tomar com ela um ponto médio, pois também nos livros de M. Reis de Mello e T. Pequeno nos vemos diante de poetas-professorxs, atuantes na UERJ e na UFF, e que refletem sobre tais tensões. Há um *algo* que o convívio nas universidades públicas desta segunda década do século XXI nos têm permitido ver, e esperamos que irreversivelmente: a variação conforme o ponto de vista, que é sempre situado em um corpo crivado por diversos graus de distinção social e geográfica, classificado, racializado, genderizado. A constatação de uma afinidade pontual (e modal) nas condições de produção, portanto, não resolve nada: visibiliza, inclusive, relações de tensão e de exclusão no interior da universidade pública e nas relações de produção discentes e docentes, como as que aparecem apontadas em “*l’air du temps*” de *Onde estão as bombas*:

eu nunca viajei para a europa
meus colegas de profissão riem
assim constrangidos quando
digo séria não, eu nunca viajei
para A europa
fui somente ao paraguai em
90 e 91 (de ônibus)
comprar relógios casio de plástico
& rayito de sol para vender na
escola para as mães de todos
os meus não-amigos de olaria
[...] (Pequeno, 2019, p. 16)

¹⁰ O título do curso, oferecido no primeiro semestre de 2019, foi “Junho de 2013 e o que veio depois”. Na ementa, indicava-se: “Reações da cena literária ao contexto das revoltas populares: surgimento ou fortalecimento de coletivos de poesia e edição, multiplicação dos encontros de slam, princípio de ocupação, uso de redes sociais e outros canais de difusão de conteúdo. Problemática das relações entre crise político-econômica e surgimento de coletivos de diversas naturezas, à luz do cenário argentino no começo de século e na atualidade. (A aula acerca da 'explosão feminista' será coordenada pela profa. Heloisa Buarque de Hollanda. As aulas em torno do cenário argentino serão coordenadas pela profa. Luciana di Leone)”. Disponível em: <https://posciencialit.letras.ufrj.br/ementario/>. Acesso em: 12 ago. 2024.

III. Uma cooperativa de hiatos?

Como já argumentaram de modos diferentes Marcos Siscar e Jacques Rancière, a relação entre poesia e crise, ou entre poesia e comunidade, se dá a ver também na enunciação: o poema encena, dá lugar, espacializa e dramatiza os discursos de subjetivação coletiva. E se há uma linha de força na poesia moderna e contemporânea, que, desde Baudelaire, assume que toda crítica é parcial, ativa nos conflitos e na disputa de hegemonia, jamais universal, consequentemente sabemos que, no poema, os pronomes e as imagens tomam posição ou partido.

A emergência dos coletivos de poesia sugere uma rearticulação das perguntas pelas políticas do poema, imersas na lógica de visibilidade das redes digitais. No caso deste artigo, em vez de eleger um poema isolado para trabalhar, o exercício de leitura nos solicitou ensaiar séries, buscando nelas alguma promessa de sentido que não preexistisse à montagem da série; e para isso, parece importante olharmos para as condições de circulação pública — para um circuito editorial empírico da poesia contemporânea, pois é esse circuito que nos permite ver melhor se há ou não algo acontecendo *em cooperação*.

Um primeiro desafio é evidente: se a circulação dos poemas nas redes sociais — cujos proprietários são corporações transnacionais — importa e muito na formação de um público, essa circulação, por outro lado, se inscreve imediatamente na dinâmica do capitalismo cognitivo, do extrativismo digital dos metadados (*data mining*). Há, então, uma lógica editorial de reconhecimento de demanda e *interesse* — um interesse que deseja ser público (ou comum). Essa lógica, transformada em critério de valor, é exposta para debate e revalidação em *cada* escolha de publicação das pequenas editoras e dos pequenos coletivos editoriais, a partir de seu risco de erro. A situação vulnerável das editoras pequenas é também o índice de que pesquisam e reorganizam incessantemente, na própria linha editorial, os possíveis.

Assim, pensadas em continuidade à emergência das “mídias livres” e das contranarrativas das ruas, as editoras emergentes se mostram como espaços de organização da poesia — ou, em outros termos, de um certo modo de consumir poesia no qual a organização discursiva é também, e principalmente, a construção de um mínimo arquivo comum que ecoa uma partilha de posicionamentos, anseios e gestos diante de um presente de significados altamente convulsionados.

Pois se o que reside num arquivo é a condição de compreensão do presente, e se o que ele guarda é a possibilidade de narrativizar o que acontece, a organização do arquivo, enfim, poderia ser lida também como uma busca coletiva de orientação. Uma questão que pode ser sugerida, então, é: poema, teoria e crítica andam no mesmo trilho?

Para perseguir essa pergunta, podemos transitar na revista-blog *Escamandro*, que hospeda os arquivos da série de plaquetes *Coopoesia*, publicada em 2017, uma iniciativa de mapeamento de coletivos de poesia formados na cidade do Rio de Janeiro a partir de 2010, coordenada por Jessica Di Chiara e Luiz Guilherme Barbosa, incluindo entrevistas e ensaios escritos por pessoas afetivamente próximas, propondo “o retrato provisório de um momento de profusão” (Di Chiara, 2020)¹¹.

São seis plaquetes: #1 *Bliss não tem bis*, #2 *Oficina Experimental de Poesia*, #3 *Mulheres que Escrevem*, #4 *Garupa*, #5 *kza1* e #6 *Cozinha Experimental*.

Indo ao texto de apresentação à *Coopoesia* assinado por Di Chiara e Barbosa, lemos:

Acontece que, quando se juntam, pessoas casam, fundam cidades, jogam bola, fofocam — poetas juntos formam coletivos e ninguém sabe direito o que acontece. Ensaiam uma voz e ela sai dissonante, ruidosa, coral. Um coletivo ensaia Homero ou um país que ainda não existe, o que dá na mesma. Quando junta muita gente a gente só ouve as vogais. Isso dá um hiato muito louco. O primeiro significado de hiato no dicionário: fenda ou abertura no corpo humano. Nas redes sociais, quando alguém se espanta muito com o que lê solta um berro escrito. O desejo de fazer coro cria guerras ou cria guelras, há quem se reúna para aprender a respirar embaixo d’água. Se cada coletivo de poesia fosse uma vogal estaríamos em melhores condições. Coopoesia. O nome engana, não as vogais. Finge uma cooperativa que não acontece, coleciona hiatos. Estamos procurando pensar o que significa produzir, ler, editar, performar ou difundir poesia num coletivo. Estamos procurando meios de escrever junto. Como escrever na língua dos hiatos (Di Chiara; Barbosa, 2017).

Assim, se o presente é também sua especulação, vamos pela série do arquivo vagando como se quiséssemos, por acaso, recompor cronologicamente a cena de emergência dessa cooperativa imaginária, em busca de algumas demarcações. E resgatamos, então, no site da *Bliss* (a integrante #1 da cooperativa), uma entrevista com

¹¹ Vale notar que o blog/página que funciona de base para o pequeno arquivo dessas tentativas de auto-organização na cidade foi editado por poetas que *não estão no Rio de Janeiro*. A lógica das redes, nesse caso, permite ver a ligação entre autonomia e heteronomia, autovalorização e articulação. *Escamandro* hospeda também uma série de entrevistas propostas por Rafael Zacca com o título “Canteiro de obras”, incluindo uma com Marcelo Reis de Mello. Por lá, encontramos ainda um texto do primeiro sobre “O poema na era do feed”.

Italo Moriconi, pouco anterior aos acontecimentos de junho de 2013, no mês de abril¹². Ali, ele considerava a importância de editoras, revistas e periódicos como núcleos em torno dos quais se organizam os conceitos, os modos de ler e usar a poesia: como *nós*, ele escreveria pouco depois, “que reúnem e ao mesmo tempo relançam as redes de relações entre poetas e poemas” (Moriconi, 2016).

Em maio de 2014, o coletivo *Bliss não tem bis* organizou na Casa de Leitura Dirce Cortes Riedel, da UERJ, o debate “Edição de poesia hoje: modos de fazer e desfazer”, com Moriconi, Marília Garcia e Aníbal Cristobo, propondo pensar “o contexto cultural da cidade do Rio de Janeiro”. Garcia leu, na ocasião, um longo poema que comentava o convite de Lucas Matos para pensar sua experiência como editora da revista *Modo de usar & Co.*, apontando um interessante contraste entre o blog e a revista impressa:

insistimos na revista em papel
pela *narrativa interna*
determinada pelo formato.
os textos juntos dentro da revista assumem um tipo de diálogo
que eu considero diferente do espaço do blog
o blog é infinito e tem essa estrutura de hiperlinks da internet
funcionando como uma espécie de banco de dados
a revista em papel cria uma relação própria entre os textos
e tem uma *marca temporal*
que na internet funciona de outro modo
[...] (Garcia, 2014)

Ao comentar o circuito em sua intervenção, Moriconi evoca outra revista, e diz:

Pra mim as duas palavras-chave são *redes* e *horizontalidade*. Outra palavra que eu gosto muito também é a da revista, né?, da Paloma [Vidal] e desse outro pessoal [Diana Klinger, Mario Cámara e Paula Siganevich], que é *Grumo*, que eu acho que é uma política do sentido muito interessante. Você não tem um sentido único e totalitário e você não tem sequer sentidos muito fixos. Você tem grumos de sentido, você tem uma proliferação de interesses e de sentidos, aglomerações. Que eu acho que você pode pensar também numa forma de leitura — por isso que eu falei, quer dizer, o *close reading* linha a linha — pode ser que determinados tipos de práticas textuais tenham que ser substituídos por uma leitura por grumos. Então, a rede, a horizontalidade (Moriconi, 2014).

Naquele mesmo 2014, Rodrigo Nunes, um jovem professor de filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, publicava em livro seus primeiros estudos sobre os *desejos de horizontalidade* que caracterizavam aquela conjuntura e

¹² Foi ainda naquela mesma conjuntura, em um intervalo de poucos meses, durante um ciclo de conferências na Universidade Federal Fluminense, em outubro de 2013, que Daniel Link apresentou suas hipóteses sobre a poesia *en la época de su reproductibilidad digital*, depois retomadas em livro (2015).

propunha alguns modos de repensar a organização política na topologia prática das redes sociais, indicando dois eixos: *clusters* “(zonas mais densas, onde os nós estão mais integrados)” e *hubs* “(nós com alto número de laços e que conectam várias zonas diferentes da rede)”. Esses eixos, que poderíamos aqui considerar análogos aos núcleos, pontos luminosos ou grumos de que falava Moriconi, solicitam, porém, uma reconsideração da equivalência entre rede e horizontalidade: na prática, argumenta Nunes (2016a), só um ponto de vista transcendente permite falar em horizontalidade; se assumimos que a rede é uma totalidade distributiva na qual estamos imersos, incessantemente produzindo informações e efeitos, pois somos corpos ocupando um ponto de vista implicado em relações concretas, caberia perceber, em consequência, que, mesmo que não haja dogmatismos ou vanguardismos planejados e desejados, o que efetivamente encontramos no entrelugar das redes e de suas formas políticas de atuação — sempre em movimento e reconfiguração — são inúmeros agrupamentos, identidades coletivas se fazendo e se desfazendo, articulações precárias, grumos que assumem *funções-vanguarda*, mesmo que temporárias.

Ler a rede e ler na rede, nesse sentido, seriam duas atividades que passariam por orbitar alguns núcleos de proposição de sentido, que condensam ou capturam com eficácia a articulação de certas demandas, afetos, sensibilidades, angústias e desejos de um tempo.

Volto, com isso em mente, a uma posição oralizada por Moriconi:

O especificamente político da poesia hoje, acho que uma das questões mais importantes para pensar e que implica no questionamento do próprio ato crítico, do que é a crítica e de *como se faz o processo de leitura* e de escrita, está nessa ideia de *uma rede proliferante e horizontal que vem muito mais do compartilhar* do que ficar sinalizando (Moriconi, 2014, grifo meu).

Ou, como diria ele mesmo de modo mais organizado em fins de 2015, quando retoma as questões articuladas nos encontros em torno da *Bliss não tem Bis*:

Diálogo entre pares, em que poesia e crítica (e devemos desde logo acrescentar a tradução de poesia) são encaradas e experimentadas como práticas abertas, mutuamente implicadas. São performances *da* escrita, na escrita. É o relato desse processo formativo, em prosa crítica ou em verso reflexivo, que constitui a história do presente (Moriconi, 2016).

Os livros e poemas, nessa configuração, não seriam lidos como *obras*, mas como canteiros de obras, conforme tem sugerido há anos outra professora da UFRJ, Luciana di

Leone, ex-orientanda de Moriconi e de Celia Pedrosa, com passagem pela UFF e pela UERJ: nessa abertura do diagrama da produção, “o poema não é um resultado, mas um modo de ver o que se faz, uma economia (ou seja, uma prática) que tenta organizar, como pode, o que existe” (di Leone, 2017).

*

A perspectiva da horizontalidade das relações internas reaparece alinhada à descentralização geográfica na apresentação de uma entrevista com integrantes da segunda integrante da cooperativa imaginária, a *Oficina Experimental de Poesia* (2011–2017) conduzida por Celia Pedrosa e Eduardo Coelho:

algumas características da OEP se afinam com dinâmicas de movimentos sociais. Os entrevistados reconhecem modos de apropriação e diálogos com esses movimentos, especialmente no que se refere à gestão do coletivo (“método de assembleias, o direito à voz e voto a todos os participantes”). Em outras palavras, é sobretudo em torno da horizontalidade na condução do trabalho que se firma uma relação com esses movimentos. No processo de distensão da temática da poesia, há outras marcas de contato. São ressaltadas novas paisagens, como as da zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, onde o coletivo se reúne e onde mora a maior parte dos seus membros e frequentadores. Há versos que empreendem críticas ao alto custo de vida nos centros urbanos ou às dificuldades cotidianas do transporte público. São problemas que estiveram na pauta variada das manifestações de junho de 2013, em que as ideias de convivência e resistência já estavam sendo propostas pelos mais jovens em ocupações do espaço público (Pedrosa; Coelho, 2018).

Em uma das respostas da entrevista, o coletivo diz junto algo que ecoa a proposição de Nunes sobre uma função-vanguarda — que talvez possa escapar ao voluntarismo, mas que é capaz de reconhecer efeitos:

se o movimento social é uma organização da sociedade civil que busca pautar a sociedade com questões de redistribuição de riquezas e poder, a OEP pode ser considerada, de certa forma, uma tentativa de organização que quer interferir no debate sobre o modo de produção literário. A demanda por democratização desse modo de produção, a nosso ver, exige também uma partilha das formas simbólicas e técnicas historicamente monopolizadas por determinados grupos sociais. [...]

[Há] um aprendizado direto [derivado da frequência militante em movimentos, projetos e Partidos, por algumas pessoas do coletivo] e um aprendizado indireto que se dá tanto por contágio de pessoa a pessoa quanto por movimentos históricos mais subterrâneos de transmissão de determinadas práticas e formas (exatamente da mesma forma como um escritor do passado pode atuar sobre algum do presente sem que este tenha lido aquele, em uma cadeia de transmissões mais ou menos confusa) (Pedrosa; Coelho, 2018).

Na apresentação desse material, a dupla que propõe a entrevista ressalta que, tendo sido a OEP um coletivo composto por pessoas vinculadas à educação pública, sem um

discurso “anti-intelectual ou antiacadêmico”, um dos pontos interessantes de sua organização estava precisamente na disposição a ocupar os aparelhos públicos de cultura, incluindo também o aprofundamento de brechas extensionistas na universidade — como o Laboratório da Palavra, coordenado pelo próprio E. Coelho na UFRJ. Em uma publicação posterior, organizada por ele com Beatriz Resende, no Núcleo de Edição do Laboratório da Palavra, o diálogo se prolonga: lá encontramos os depoimentos de cinco participantes da *Oficina Experimental* em torno das práticas com o poema, o corpo, a crítica.

Penso, para encaminhar então um enlace final a este texto, que pode ser interessante lermos, com essas considerações em ambiência, um poema de Ana Carolina Assis — que fez pesquisa na UFF, participou da construção da *Oficina Experimental*, em leituras públicas e publicações coletivas, e que, portanto, condensa em sua trajetória algumas das questões que vieram nos interessando.

A pergunta que me interessa circular é: as reflexões em torno dos arquivos da *Coopoesia* parecem indicativas de que há *poetas em organização* e *editoras em organização*; mas seria possível falar também de *poemas em organização*?

Ecoando a observação de Moriconi sobre os “laços” que relançam relações entre “poetas e poemas”, em que sentidos essa prática compartilhada de leitura — considerada aqui em um destino aberto e errante, que possa dar conta dos muitos modos possíveis de participar dela, já que excedem as reuniões presenciais e reverberam nos poemas mesmos — introduz uma questão para as pedagogias de leitura da poesia contemporânea?

Em seu texto para a compilação citada acima sobre as *Formas da crítica*, Assis expõe justamente seu incômodo com o rebaixamento da questão da pedagogia. À luz dessas releituras das teorias da organização social em tempos de reprodutibilidade digital, mencionadas mais acima, e da consideração do poema como ato performativo que instaura e tensiona vínculos comunitários, podemos talvez vislumbrar um modo de relação que escapa às atribuições mais institucionalizadas do *texto* e da *intertextualidade*. Reabre-se aí, portanto, a questão dos corpos letrados e não letrados, em um grau zero do letramento.

O livro de estreia de Assis, *a primavera das pragas*, de 2018, é já posterior a todas essas redes que mencionamos. No texto de orelha, Eduardo Coelho ressalta que aquela “primavera” já não anuncia a ampliação democrática dos possíveis, mas um tempo de

embate constante, uma busca de “estratégias de permanência no mundo” diante de uma cidade segregada e sob ameaça de ruína, em que os versos ecoam, na escuta de uma “velha sem olhos”, a “gravidade/dos decretos oficiais/contra praias negras/contra ventres livres”. O controle dos corpos é novamente o que se opõe à circulação pela cidade, e é notável a presença de pontes nos poemas — incluindo a “ponte presidente costa e silva”, que já vimos em um poema de Tatiana Pequeno (“o rumo da ponte é niterói”).

Mas o poema que me interessa trazer é ainda posterior ao livro. Foi publicado em 2020 na *Garupa*, a mesma editora do livro de Marcelo Reis de Mello¹³ com o qual começamos este percurso e outra das seis integrantes da cooperativa imaginária, a #4; um veículo coletivo, simultaneamente revista *on-line* e casa editorial, fundado na UNIRIO, e que pode ser pensado, portanto, como um dos *clusters* desse tempo e dessa reflexão. Ali, Assis dizia:

ultimamente eu
só tenho me interessado
por poemas que falam de um corpo
eu penso não tenho cara
de chegar e falar um poema
que não tenha um corpo
era melhor eu trocar de cara
calar e ler a mulher que corta da natasha
a mulher pelada da carla
eu só consigo pensar
seria preciso um corpo
pra estar de pé
olhar na sua cara
entrar no metrô
entrar num ônibus
sair desses lugares
pegar com as mãos a boca um corpo
e dizer qualquer coisa
que vibre em outro corpo

penso na bruna a 70 km do mar
na estela no alto da serra
e penso não tenho corpo suficiente
pra olhar na sua cara mas olha

não é que eu tenha deixado
de lavar as calcinhas
com sabão de coco
e água fria de tanque
não é que meus buracos

¹³ Que, por sua vez, foi um dos sócios-editores da *Cozinha Experimental*, a integrante #6 da cooperativa imaginária.

estejam lacrados
é que eu tô seca
e fico repetindo essa merda
cara, eu não tenho corpo pra isso
pra olhar na sua cara
e dizer qualquer coisa como

*você está me comendo tanto
pelos olhos que eu já não
tenho de onde tirar força
pra te alimentar*

é que ultimamente molho e seco
calcinhas no seu tanque
na sua cama
e na cara
de ninguém
ainda que imagine morder um corpo
com esse ventre sem dentes com esses
dedos comidos até o sangue
te vejo acender os copos
com água de filtro
seus dedos secos e largos
craquelando
longe do meu centro
eu penso é coletivo isso que vibra
e grita na varanda
tem corpo e cara esse líquido
que vem
e é quente
(Assis, 2020)

O que me interessa destacar nesse poema é bem pontual: encontramos aí quatro mulheres poetisas citadas. Acredito que acompanhar hoje certa poesia contemporânea a partir de alguma universidade pública do Rio de Janeiro implique saber minimamente de sua existência, mesmo que apenas *de nome*. A convocação do poema, na circulação pela cidade em transporte público, seja pela organização coletiva (feminista) ou pelo acúmulo da força para um dizer necessário contra assédios e exclusões, mobiliza — saiba disso ou não, no momento de uma primeira leitura, a pessoa que o lê — poemas de Natasha Felix, Carla Diacov, Estela Rosa (uma das fundadoras do *Mulheres que escrevem*, integrante #3 da cooperativa imaginária) e Bruna Mitrano.

E com “bruna”, retorna, por exemplo, o que víamos com Tatiana Pequeno: a afirmação geográfica de um subúrbio, “a 70 km do mar”, um traço que me parece significativo de uma certa tendência — sendo retomado, por exemplo, na leitura que

Danielle Magalhães (2020a, 2020b) faz dos poemas de Valeska Torres —, a consideração da distância, junto à dificuldade de deslocamento na cidade.

A construção do poema relança, assim, na interface da mídia em que foi publicado, uma pequena multiplicação de nomes — escolhas afetivas que são sugestões de leituras possíveis (recomendações, leituras por fazer ou por revisitar), mas que são também índices de organização e de expansão de um circuito, de uma forma aberta... e talvez, de uma pedagogia em movimento. Sua enunciação seria, por isso mesmo, um ponto de articulação provisória de sentidos, imerso em um processo de subjetivação composto de afetos transindividuais (que não estão *na cara*), buscando dizer *qualquer coisa que vibre em outro corpo*.

A intimidade das referências, nesse caso, só pode ser (mal) vista como *endogamia* de grupo se desconsiderarmos totalmente a relação prática, corporal, entre poesia e organização em um presente feito de reprodutibilidade digital. No mesmo sentido, a *encarada* de um endereçamento feminista, que é a invenção de uma interpelação pós-traumática, só pode ser lida como *fechamento* excludente e identitário desde um ponto de vista que se exterioriza e se *desimplica* dos núcleos de força que movimentam as redes de relações do presente. São esses núcleos, esses coletivos mais ou menos organizados, com suas distâncias e gritos, que expõem seus corpos em outra disposição ao encontro, incluindo nessa disposição a oposição à cidade-mercadoria, para articular outra experiência possível de cidade em uma fala pública — e amplificada. Grito coletivo, vocálico, cooperativo.

Ler a poesia contemporânea, acompanhar a(s) cena(s), ler um bloco discursivo, ler revistas-blogs — algumas hoje já desativadas, talvez, justamente, por conta da dificuldade de dar continuidade. Há o trabalho feito, há os registros no arquivo, e há também a dificuldade coletiva de garantir a reprodutibilidade e a proteção. Há a evasão e os hiatos. A reflexão sobre a organização poderia nos levar, assim, a tentar desmontar oposições cristalizadas entre autonomia *versus* instituição e a visibilizar certos encaixes institucionais (Lavalle et al., 2018) que viabilizam *alguma* proteção social, tal como vêm propondo a sociologia e a ciência política contemporâneas. Há um caminho para ser pensado nessa trilha. A cooperativa imaginária delirada por Jessica Di Chiara e Luiz Guilherme Barbosa nos coloca nela.

Referências bibliográficas

ASSIS, Ana Carolina. Pedagogia? In: RESENDE, Beatriz; COELHO, Eduardo (org.). *Formas da crítica: o coletivo como crítica*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa Avançado de Cultura Contemporânea, Laboratório da Palavra, 2021, p. 9–13.

ASSIS, Ana Carolina. *primavera das pragas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.

ASSIS, Ana Carolina. um poema. *Garupa*. edição sentinela, v. 9, maio de 2020. Disponível em: <http://revistagarupa.com/edicao/sentinela/secao/na-beira-da-estrada-9/artigo/um-poema-6>. Acesso em: 12 ago. 2024.

AZEVEDO, Carlito. *Livro das postagens*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

CÂMARA, Mario. Eloisa Cartonera: estatuto do precário. *Inimigo rumor*, n. 16, Rio de Janeiro: 7Letras, São Paulo: Cosac Naify, p. 143–144, 2004.

CAMILLO PENNA, João. Democracia da vida comum. In: SISCAR, Marcos; NATALI, Marcos (org.). *Margens da democracia: a literatura e a questão da diferença*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: EdUSP, 2015, p. 13–46.

COELHO, Eduardo. Coletivos: poesia e endividamento. *Cadernos de Letras UFF*, v. 31, n. 61, p. 120–136, 2020.

DI CHIARA, Jessica. *Amizade das formas: o poema-ensaio em Marília Garcia*. Tese (doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2024.

DI CHIARA, Jessica. XANTO|Coopoesia, por Jessica Di Chiara. *Escamandro*. Disponível em: <https://escamandro.wordpress.com/2020/04/13/xantocoopoesia-por-jessica-di-chiara/>. Acesso em: 12 ago. 2024.

DI CHIARA, Jessica; BARBOSA, Luiz G. “aéêiôôu”. *Coopoesia: Plaquete #0*, 2017. Disponível em: <https://escamandro.wordpress.com/2020/04/13/xantocoopoesia-por-jessica-di-chiara/>. Acesso em: 12 ago. 2024.

DI LEONE, Luciana. La poesía contemporánea latinoamericana: por una economía del cuerpo y la lengua materna. *El jardín de los poetas*, n. 4, p. 92–102, 2017.

DI LEONE, Luciana. *Poesia e escolhas afetivas: edição e escrita na poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GARCIA, Marília. *câmera lenta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GARCIA, Marília. como um fantasma. Comunicação apresentada ao evento *Edição de poesia hoje: modos de fazer e desfazer*. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Bliss

não tem bis, 2014. Disponível em: <http://blissnaotembis.com/blog/2014/05/edicao-de-poesia-hoje-modos-de-fazer-e-desfazer-parte-1-de2.html>. Acesso em: 12 ago. 2024.

GARCIA, Marília. *parque das ruínas*. São Paulo: Luna Parque, 2018.

GARCIA, Marília. *um teste de resistores*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

KLINGER, Diana. Literatura não é documento: sobre poesia e a percepção do real. In: MÜLLER, Adalberto; MARTONI, Alex (org.). *Rituais da percepção*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018, p. 88–105.

KLINGER, Diana; XIMENES, Vinícius. Rio de Janeiro as a Park of Ruins. Digging through Images in a Site-Specific Poetry Book. *Intermedialités*, n. 37-8, p. 1–27, 2021.

LAVALLE, Adrian Gurza; CARLOS, Euzeneia; DOWBOR, Monika; SZWAKO, José (org.) *Movimentos sociais e institucionalização: políticas sociais, raça e gênero no Brasil pós-transição*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

LINK, Daniel. *Suturas: Imágenes, escritura, vida*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2015.

MAGALHÃES, Danielle. *Ir ao que queima: no verso, o amor, no verso, o horror*. Ensaios sobre o verso e sobre alguma poesia brasileira contemporânea. Tese de Doutorado (Ciência da Literatura), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020a.

MAGALHÃES, Danielle. Quando amar se passa pelo subúrbio. Um traçado do Rio de Janeiro em Valeska Torres. *Revista Dobra*, n. 4/5, p. 1–17, 2020b.

MARGEL, Serge. *Arqueologias do fantasma – técnica, cinema, etnografia, arquivo*. In: PENNA, João Camillo (org.). Trad. Maurício Chamarelli e Anne Dias. Belo Horizonte: Relicário, 2017.

MARICATO, Ermínia. A Copa do Mundo no Brasil: tsunamis de capitais aprofunda a desigualdade urbana. In: JENNINGS, Andrew et. al. *Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?* São Paulo: Boitempo, 2014, p. 17–24.

MARICATO, Ermínia. É a questão urbana, estúpido! In: MARICATO, Ermínia et. al. *Cidades rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013, p. 19–26.

MARICATO, Ermínia. *O impasse da política urbana no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2011. 365

MELLO, Marcelo Reis de. *José mergulha para sempre na piscina azul*. Rio de Janeiro: Garupa, 2020.

MORICONI, Italo. Alegria Entrevista – por Lucas Matos, Luciana Maria di Leone e Marcio Junqueira. *Bliss não tem bis Blog*, abril de 2013. Disponível em:

www.blissnaotembis.blogspot.com/2013/04/alegria-entrevista-parte-final-falam-as.html. Acesso em: 12 ago. 2024.

MORICONI, Italo. Participação no debate do evento *Edição de poesia hoje*: modos de fazer e desfazer. *Bliss não tem bis* Blog. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, maio de 2014. Disponível em: www.blissnaotembis.blogspot.com/2014/05/edicao-de-poesia-hoje-modos-de-fazer-e_27.html. Acesso em: 12 ago. 2024.

MORICONI, Italo. Que poesia? A poesia e as línguas do Brasil: algumas notas. In: OLINTO, Heidrun Krieger; SCHØLLHAMMER, Karl Erik; SIMONI, Mariana (org.). *Literatura e artes na crítica contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016, p. 125–132.

NUNES, Rodrigo. Anônimo, vanguarda, imperceptível. *Serrote*, IMS, n. 24, p. 34–63, 2016b.

NUNES, Rodrigo. Liderança distribuída. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 9, p. 10–27, 2016a.

NUNES, Rodrigo. *Neither vertical nor horizontal*. A Theory of Political Organization. London & New York: Verso, 2021.

NUNES, Rodrigo. *Organisation of the organisationless*. Collective action after networks. London: Mute, 2014.

PALMEIRO, Cecilia. *Desbunde y felicidad*. De la cartonera a Perlongher. Buenos Aires: Título, 2010.

PEDROSA, Celia; COELHO, Eduardo. Entrevista com a Oficina Experimental de Poesia. *Revista Alere*, v. 18, n. 2, p. 337–368, 2018.

PEQUENO, Tatiana. *Onde estão as bombas*. Juiz de Fora: Macondo, 2019.

PUCHEU, Alberto. Posfácio. In: PEQUENO, Tatiana. *Onde estão as bombas*. Juiz de Fora: Macondo, 2019, p. 95–106.

SISCAR, Marcos. *Poesia e crise*. Ensaios sobre a “crise da poesia” como topos da modernidade. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

VAINER, Carlos. Cidade de exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro. *Anais do XIV Encontro Nacional da Associação Nacional de Planejamento Urbano (ANPUR)*, vol. 14, 2011.

Recebido em: 01/10/2024
Aceito em: 22/01/2025

ⁱ **Vinícius Ximenes** cursou o bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado e doutorado em Estudos de Literatura na Universidade Federal Fluminense. Integra o grupo de pesquisa Pensamento Teórico-Crítico sobre o Contemporâneo (CNPq/UFF), coordenado pelas professoras Diana Klinger e Celia Pedrosa. Publicou o livro *Rituais, poemas, pronomes: um estudo com Júlia de Carvalho Hansen* (Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2023). É Professor Pesquisador I do Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá. **E-mail:** vinicius.ximenes@gmail.com